

## UM CONVITE A LEITURA DE POESIAS NA ESCOLA

FARIAS, Norma Lee Pereira de  
Escola Municipal Anésio Leão

MOUZINHO, Wamberto Nunes Soares  
Escola Municipal Anésio Leão

CABRAL, Maria das Graças.  
Escola Municipal Lúcia de Fátima Gayoso Meira

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma experiência desenvolvida na Escola Municipal Anésio Leão, localizada no município da Campina Grande-PB, com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. O projeto foi idealizado a partir da necessidade de despertar o prazer e o hábito pela leitura de poesias; propiciar uma aproximação com a linguagem poética e identificar os elementos constitutivos do poema. Convidamos os educandos para conhecer diversas obras de Elias José, possibilitando-lhes a oportunidade de entender que o poeta ao escrever uma poesia brinca com as palavras, como um jogo de linguagem, de palavras soltas, empilhadas que encantam pela sonoridade e rimas. Verificamos que o gênero poesia constitui-se um relevante recurso pedagógico para a formação de leitores competentes.

PALAVRAS-CHAVE: Poesias- Leitura- Formação de leitores

### INTRODUÇÃO

Atualmente, no âmbito educacional, muito se tem discutido a necessidade urgente, de despertar o prazer e o hábito pela leitura de diversos gêneros textuais que circulam na sociedade e de livros de literatura infantil que adentraram os muros da escola pública brasileira em grande quantidade, visando à formação do aluno leitor. Acentuou-se significativamente a preocupação dos professores com o ensino da leitura. Estes profissionais são motivados constantemente, a participar de congressos e eventos da área a fim de refletir a prática, discutir ideias inovadoras e renovar o fazer pedagógico.

Nessa perspectiva, passamos a presenciar um verdadeiro processo de recontextualização de discursos e de práticas que nem sempre correspondem aos altos investimentos dos órgãos governamentais, visto que continuamos presenciando a fragilidade e a recorrência de ações educativas baseadas em práticas desoletas, ineficazes que não atendem as expectativas e anseios dos alunos. Estudos revelam que toda a ação pedagógica tem se constituído em sentido contrário a formação do sujeito

leitor tão bem enfatizados nos discursos dos principais responsáveis pelo desenvolvimento educacional no país.

Essa problemática abrange todos os segmentos da Educação básica, especificamente, os primeiros anos do Ensino Fundamental, no qual o aluno deveria adquirir todas as habilidades necessárias de leitura e escrita, para poder continuar progredindo nas séries posteriores, como não ocorre, verificamos a ineficácia de ensino.

Em face dessa realidade concreta e desafiante, interessa-nos apresentar uma experiência de leitura com Poesias vivenciada, com uma turma de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Anésio Leão, localizada no município de Campina Grande-PB, conduzida mediante a realização de trabalhos orais, escritos, pesquisas, produções de textos verbais e não verbais feitos pelos alunos, expressando suas formas de ser e pensar a linguagem poética a partir das suas vivências.

Para fundamentar nosso trabalho, enfatizaremos a Leitura como processo de interação, os segredos da poesia na visão do poeta e da criança, bem como, ressaltaremos a Poesia no contexto escolar, onde a criança vai percebendo a transição do repertório oral, já incorporado a seu dia a dia, para a linguagem escrita. Nesse momento, a intervenção do professor é fundamental para estimular o discurso poético como forma de manter a magia do universo infantil.

Por fim, descreveremos a experiência pedagógica desenvolvida na escola supracitada, com a utilização de alguns poemas de Elias José, em que relataremos momentos significativos vivenciados pelos professores e, principalmente, pelos alunos no contexto escolar, refletindo sobre a importância deste recurso pedagógico para o desenvolvimento da leitura e da escrita que, posteriormente, resultaram na organização de um Sarau poético, sistematizando todo o aprendizado adquirido no decorrer do projeto.

### **Leitura: um processo de interação**

A entrada da criança no mundo da escrita é responsável pela abertura de inúmeras portas, antes acessíveis a ela somente pela mediação do outro. Na infância, a presença do outro – nas interações com a linguagem escrita, ainda não totalmente familiar à criança pequena – é constante. Quando a criança começa a ler, convida o leitor adulto mais experiente a participar com ela nos processos de construção de

sentidos, em situações de leitura de livros, placas, outdoors, rótulos e tantos outros textos, que ela passa a ver/ler de modo diferente do que até bem pouco tempo via, quando não lia. É importante reforçar, portanto, que, na infância, mais do que em outras fases da formação do leitor, ler é atividade partilhada, na qual se confirmam sentidos e funções da leitura, construídos pela curiosidade de quem descobre que a letra diz o mundo (A criança de seis anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de nove anos. MEC-SEB, 2009, p. 72).

Leitura é interação: o ato de ler implica diálogo entre os sujeitos históricos. As atividades de leitura, desde os primeiros anos escolares, visam o desenvolvimento de competências que permitam compreender o texto como manifestação de um ponto de vista autoral, assumindo a partir de determinado contexto histórico. Pretendem também colocar o aluno em relação com o ponto de vista e o conjunto de valores expressos no texto, ou seja, em condição de reagir e tomar posição diante dele. Ler implica uma atitude responsável, isto é, põe meio de novas ações de linguagem verbal ou não.

O ensino da leitura centrado no domínio dos aspectos mecânicos de leitura(velocidade, fluência, dicção, entonação, pontuação) tem formado grande quantidade de leitores que decodificam os textos, mas apresentam muita dificuldade para compreender o que leem, ou simplesmente não conseguem entender o que leram.

De acordo com alguns teóricos, entre eles, Carvalho (2010, p.11), aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão, é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos idiotas e repetir sem fim exercícios de cópia resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita.

Antes mesmo de ensinar a decodificar as letras e sons, é preciso mostrar aos alunos o que se ganha, o que se aprende com a leitura: mas isso só será possível por meio de atividades que façam sentido, que visem à compreensão de leitura desde as etapas iniciais. Caso contrário, muitos continuarão pensando que a leitura é uma tarefa difícil, complicado e inútil.

É fundamental que a escola destine grande parte de seus horários à leitura, pois escola é lugar de leitura. Desta forma, ela deve promover o encontro do leitor com o texto e com o mundo. Deve permitir o diálogo com o texto para que o leitor não fique limitado ao conteúdo expresso pelo autor, mas consiga ir além da posição fixa ocupada pelo intérprete.

Nesse sentido, ler e compreender o texto pressupõe informações antigas e novas sobre o assunto tratado, estabelecendo relações com outros textos, com a cultura, a sociedade, a história e com a própria linguagem. Isso significa dizer que, em todas as formas de leitura, o conhecimento prévio é exigido para que a compreensão dos significados expressos (ou veiculados) no discurso seja mais produtiva: uma história puxa outras e remete a elas, assim como uma informação traz outras e remete a elas, e, nesse processo dinâmico, as vivências dos alunos vêm à tona.

É importante lembrar que cada leitor interage com o texto de modo diferente, dependendo de seus conhecimentos sobre o assunto, de seus objetivos de leitura e de suas intenções. Os objetivos são variados: ler para aprender, buscar orientação e informações, comprovar certos dados, seguir instruções para realizar uma tarefa, apreciar um poema, ler por prazer, entre outros.

Mas, para alcançar estes objetivos, deve-se levar o leitor a correlacionar seus interesses e conhecimentos com as estratégias de leitura. Ele deve ainda promover o encontro do aluno não só com o texto no código verbal, mas em diferentes linguagens: plástica, cinematográfica, dramática, a da linguagem e muitas outras. Mas não basta colocar o aluno diante do material de leitura. Professor, que antes de qualquer coisa deve ser um leitor, precisa iniciar o aluno nos segredos, encantos e estratégias da leitura. Isso significa ajudar o aluno a descobrir o que, sozinho, não estaria conseguindo. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS).

Considerando a leitura literária, leitores dão resposta a um texto recomendando-o a alguém, retomando-o uma conversa, aprendendo algo, refletindo a respeito das questões que ele aponta e reavaliando ou reforçando suas condutas pessoais, debatendo sobre ele, escrevendo um novo texto, relacionando-o aos demais textos conhecidos, ocupando prazerosamente suas horas de lazer, esperando avidamente pelo novo título a ser publicado pelo mesmo autor e assim por diante. Essas ações ilustram o fato de que, no contexto atual, o letramento integra as práticas sociais vividas pelos grupos que a ele têm acesso mais intenso. É função da escola, em especial da educação linguística, ampliar a cultura de escrita dos estudantes, atribuindo novos sentidos ao letramento em suas vidas.

Por isso, é importante que as práticas pedagógicas procurem resgatar, mediante o planejamento de tarefas e durante a interação em sala de aula, a possibilidade de a leitura assegurar ações de construção de sentidos. Ainda que limitada ao contexto concreto da escola – a leitura literária em classe, em tarefas para fazer em

casa ou em outras oportunidades – deve ser sempre uma finalidade reconhecível e compatível com o gênero do texto lido, como por exemplo, a leitura de um texto dramático, para posterior apresentação, ou de uma crônica para construção de uma resenha crítica. Somente assim torna-se significativa, pois retoma as situações sociais nas quais um texto encontra sua função. Comparando à ideia de que ler é simplesmente uma atividade linear de decodificação, o esforço por recuperar nas aulas as funções sociais de leitura implica uma série de consequências e resgata a finalidade de ler literatura.

Para Filipouski (2009, p.11), atividades de construir sentidos conjuntamente estão sempre no centro da leitura que procura ampliar oportunidades de letramento. A reflexão sobre a língua como sistema, ainda que corresponda a uma especificidade da disciplina, está submetida à centralidade do sentido da leitura como ação, prática social. A retomada de elementos históricos e o conhecimento sobre o sistema literário reforçam a leitura do texto literário como experiência estética, modo específico de conhecimento de si, tanto do ponto de vista subjetivo como do pertencimento a uma história cultural e nacional.

Além disso, por conhecer que o texto expressa uma posição de autor e um conjunto de valores fundamenta a prática pedagógica, é preciso oportunizar o desenvolvimento de atitude crítica diante dos textos. Por isso, nem o peso histórico do sistema da língua, nem os cânones da literatura precisam ser trazidos para a aula como formas de calar, escolarizando a leitura e anulando o leitor. A função do trabalho nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura é enriquecer o diálogo, mas, frente a muito do que se conhece da tradição escolar, convém lembrar que, sem o ponto de vista do leitor, não há diálogo nem leitura. Em nenhuma circunstância, o professor, em sua prática pedagógica, deve utilizar o texto literário para explorar palavras e frases isoladas, para desafiar à compreensão de outros textos complexos, ou ainda, estudar isoladamente suas estruturas gramaticais, ou seu vocabulário, retirado do texto e discutido fora de contexto, especialmente para análise e classificação.

Ao tomar como horizonte o exercício da leitura como prática significativa e o desenvolvimento de atitude crítica, formar leitores na escola precisa favorecer o contato entre educandos e a variedade de textos pertencentes a diferentes gêneros. O resgate das funções sociais da leitura literária na prática pedagógica poderá favorecer a atuação do aluno como leitor em esferas distintas da vida social, preparando-o para lançar mão de leituras como formas de enfrentar a vida, de constituir-se como sujeito,

de exercitar sua cidadania. Também promoverá o ato de ler como forma de aprender, possibilitando que esta atitude se estende para além da escola.

Isso supõe reconhecer que a leitura a ser realizada na escola se presta a dois fins: lê-se em quantidade e com qualidade. No primeiro caso, para formar repertório, um lastro para a constituição da história pessoal de leitor. É um exercício solitário, de intimidade com os textos, cada vez mais raro de ocorrer por iniciativa extraescolar, daí precisar ser promovido por meio de contratos de leitura que se propõem a orientar percursos individualizados, escolhidos a partir do gosto pessoal, com o compromisso de o leitor socializar seus achados e poder influenciar outros leitores em formação. No segundo, a finalidade é exercitar formas de aprofundamentos e qualificação da história de leitor, estabelecendo relações com a série literária e problematizando temas e solução de linguagem encontradas pelo texto, experimentando modos de apreciar a obra como fato estético. Embora os fins estejam interligados e ocorram cada vez mais tarde (quando ocorrem) na escola, ambos precisam contemplar variadas oportunidades de ler para explorar diferentes formas de pensar a realidade e os pontos de vista manifestados através do discurso literário. É a intimidade com o ler que desenvolve as habilidades de interpretar a obra a partir de seu contexto de produção e reconhecer o mundo de ficção criado pelo texto, percebendo como eles repercutem a história e enriquecem o mundo pessoal a partir dos efeitos que a leitura da literatura é capaz de produzir sobre o leitor.

### **Os segredos da poesia**

A Poesia está nas ruas e nas praças, nas cantigas de roda, nos trava línguas, nas brincadeiras que usam versos e repetições populares. E está nos muros pintados com versos, como a obra do poeta Gentiliza, sob um viaduto no Rio de Janeiro. Como uma túnica branca e longas barbas, o profeta se imortalizou, ao registrar, em altos muros, palavras de protesto pela paz numa área estritamente urbana e poluída. Seus versos sensibilizam as pessoas até hoje.

Segundo Parreiras (2009, p.61), a Poesia se apropria do espaço, do corpo das galerias de arte, dos livros, dos jornais. A Poesia se corporifica em muitas formas no nosso dia a dia: o poema, a canção.

Conforme o autor, preferimos escrever Poesia com o P maiúsculo, para reconhecer o seu valor próprio, de arte de grandeza. A Poesia é uma arte de expressão

de vida, de afetos, de sons. É algo que ecoa em lugares inesperados, algo que nos afeta e, com isso, encanta e emociona.

Nesse sentido, comecemos fazendo alguns questionamentos sobre a poesia e a criança: a criança gosta de poesia? Existe uma identidade entre poesia e criança? A poesia pode ser interpretada como um jogo? A poesia teria como função primordial o lúdico?

O instrumento de trabalho do poeta é a palavra. É na magia da palavra que ele encanta, emociona o leitor. A palavra é o meio pelo qual o poeta projeta seus sentimentos, suas criações, é a ponte para o imaginário. E a poesia, segundo o poeta Mario Quintana, no poema “Poética”, “é uma ilha cercada de palavras por todos os lados”. O poeta Quintana ainda nos diz em outro texto intitulado “De gramática e de linguagem”, que ele “sonha com um poema/cujas palavras sumarentas escorram/como a polpa de um fruto maduro em tua boca,/ Um poema que te mate de amor/Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:/Basta provares o seu gosto...”.

Eis a palavra poética apresentada em seu vigor primeiro, como força fundadora. A palavra semente germinando a poesia. Todo poeta-sementeiro, na terra fértil da poesia, floresce os objetos, amanhece as coisas e, nos convida a prová-las, a recriá-las, isto é, a plantá-las no descampado território da IMAGINAÇÃO. O poeta ao evocar o objeto, através da força mágica da poesia, busca a pureza originária, o saber primeiro, o olhar primordial das coisas. É neste estágio intuitivo do conhecimento que se inscreve na poesia e se inclui, também, a sabedoria mítica da infância. Pois no tempo do “era uma vez” da criança, mentira e realidade se misturam de verdade. Logo, criança e poeta se encontram no universo da criação, onde brincar e criar tem um significado sério, de leituras profundas. O brinquedo é o instrumento lúdico capaz de levar a criança ao exercício da imaginação. Da mesma forma, a palavra ludicamente trabalhada, é o meio pelo qual o poeta formaliza suas fantasias.

Aproveitando o poema – “Convite” do poeta José Paulo Paes, em Poemas para brincar, vamos observar a relação entre o “brinquedo” e a “palavra” na dicção da poesia abaixo:

## CONVITE

Poesia  
é brincar com palavras  
como se brinca

com bola, papagaio, pião.

Só que  
bola, papagaio, pião  
de tanto brincar  
se gastam.  
As palavras não:  
Quanto mais se brinca  
Com elas  
Mais novas ficam.

Como a água do rio  
que é água sempre nova.  
Como cada dia  
que é sempre um novo dia.  
Vamos brincar de poesia?

Conforme MIGUEZ (2009, p.35), na visão do poeta “poesia/é brincar com palavras/como se brinca/ com bola, papagaio, pião”. Desta forma, vemos que o eu poético estabelece uma relação de correspondência entre “as palavras”, na oficina de criação dos poetas, e “os brinquedos”, na construção das brincadeiras infantis. O universo mágico da palavra poética e do brinquedo aproxima o poeta da criança e a criança do poeta. Pois “poesia é brincar com palavras”, é jogar, é aventurar-se no desejo da criação. E assim, poetas e crianças manifestam suas aventuras e venturas, seus desejos e suas fantasias através da poesia, da brincadeira.

Outra questão discutida no texto é o desgaste do brinquedo enquanto objeto material, mas não enquanto representação de um ideal, de uma ilusão, e, também, a renovação da palavra enquanto meio de criação. A criança é capaz de substituir qualquer brinquedo quebrado por outro mais simples e artesanal desde que seja instrumento para sua fabulação. O poeta, na fundamentação dos caminhos da criação literária, toca as palavras com a poesia transformando o real em irreal na idealização de uma nova possibilidade de enunciar as coisas.

José Paulo Paes nos deixou uma extensa produção voltada para as crianças. Em *Um passarinho me contou*, o poeta trabalha a lógica das coisas e o humor é a marca de seu trabalho, como nos versos de *Metamorfose*:

Me responda você  
Que parece um sabichão:  
Se lagarta vira borboleta



Por que trem não vira avião?

Segundo Parreiras (2009, p.67), “o poeta, além de brincar desafia o leitor a pensar: José Paulo Paes possui uma obra poética de destacada importância. Melhor que ler um poema é ler muitos”. Conhecer a fundo a obra de um poeta traz uma experiência de pesquisa, de pensar, de refletir, de observar as nuances dos diferentes poemas.

Outro poeta com uma contribuição numerosa é Elias José. Na obra Ciranda brasileira, o autor traz poemas para crianças e jovens, belamente ilustradas com xilogravuras do artista nordestino J. Borges. O trabalho prisma pela estética e música. Destacamos a presença de mitos, personagens e costumes nacionais, uma valorização de nosso folclore, da cultura popular.

Elias José criou poemas para todas as idades. Fez uma interseção com o folclore que pode ser explorada na leitura, na declamação e na confecção de um varal poético.

### **A poesia no contexto escolar**

De todos os gêneros literários, a poesia é o menos evidenciado nas práticas pedagógicas da sala de aula. Segundo Pinheiro (1995, p.13), “mesmo depois da massificação da literatura infantil e juvenil, não tivemos nem produção, nem trabalho efetivo com a poesia”. Podemos perceber raras obras divulgadas na última década, a exemplo do livro Literatura e alfabetização – do plano do choro ao plano da ação, de SARAIVA (2001), onde várias propostas de trabalho com poesia são exemplificadas com trabalhos relevantes, a partir da leitura de obras literárias.

Nesse sentido, precisamos valorizar a poesia como instrumento pedagógico fundamental para a formação de leitores competentes e reflexivos, pois a poesia deve estar na boca de todos em todo lugar que estiverem, até mesmo nas mãos, como palavra que circula entre os homens. Como nos afirmou Carvalho (2002, p.49), “poesia é arte, e como arte já é um fim em si mesmo, embora escrita por mãos humanas é o movimento profundo da alma.

É necessário situarmos a poesia como uma linguagem necessária e adequada ao mesmo tempo, como um espaço necessário de se pensar e construir um novo tempo, um novo homem. Assim, analisamos a importância da prática educativa no uso das atividades poéticas no interior da escola, como possibilidades pedagógicas eficazes, com vistas à formação de leitores. Para isto, é preciso valorizar a riqueza, a beleza, o

encanto de cada obra, e não simplesmente decodificá-las. É fundamental utilizar a arte na escola sem desvalorizar a experiência artística.

A arte não pode ser usada como simples instrumento ou objeto de consumo. A arte não é um meio de que o homem possa servir-se, é um fim em si mesma e se destina à contemplação e a experiência. É feita para durar. (CARVALHO, 2002, p.51).

Então, o que podemos levar para a sala de aula? Como professor deve trabalhar o texto poético na sala de aula? Que tipo de atividade deve acompanhar a leitura do texto poético? O professor deve direcionar a leitura poética com questões objetivas? O poema é para ser entendido ou sentido? Como adotar uma prática de leitura poética que aproxime o eu poético do escritor do eu poético da criança – leitora – criativa? Qual o repertório que a criança traz de sua experiência humana?

Para introduzirmos um caminho reflexivo que nos conduza a um verdadeiro lugar da poesia na escola, destacaremos: os acalentos, as parlendas, as adivinhas, os trava línguas, as cantigas de rodas como expressão da poesia folclóricas que acompanham a criança desde o nascimento e que tem uma função iniciatória no desenvolvimento emocional e poético da infância. Todo esse acervo oral é trazido nas vozes dos pais, das avós, das babás que, embalando o sono dos bebês ou entretendo a criança nas horas vagas, vão estabelecendo relações afetivas da criança com o mundo ao seu redor, como afirma (MIGUEZ, 2009, p. 40).

É a força da literatura oral penetrando no universo infantil na transmissão poética ou um saber coletivo. E, assim, a memória popular vai sendo reconstruída pelas gerações num movimento de releitura da fala inaugural. Ou melhor, esse vigor primeiro da produção oral vai sendo reconduzido por matizes novas de acordo com o contexto histórico-cultural em que se manifeste.

Desse modo, vemos que é a tradição sendo invocada e convocada a permanecer mesmo diante dos obstáculos da atualidade. É necessário, então, resgatarmos este material folclórico que a criança já traz de sua experiência cotidiana e levá-la para a sala de aula. Para tal atividade podemos utilizar uma excelente produção literária brasileira, objetivando despertar o hábito e o prazer da leitura.

Há muitos elementos para se trabalhar poesia com crianças em sala de aula. Ler em voz alta um poema com a emoção que o despertou, relacionar poesia com o sensorial de cada um (olfato, visão, paladar...), procurar poemas que falem de assuntos

paralelos ou parecidos, trocar experiências pessoais, a partir de um poema que tenha sido vivido pelo leitor a sua maneira no seu momento de vida.

O professor deve se utilizar da poesia como forma de atenuar racionalidade da cultura reificada, incentivando o hábito da leitura intuitiva do mundo. A criatividade e a sensibilidade no cultivo da poesia são essenciais. Pois poesia é sentimento, é emoção, é a revelação de um olhar filosófico e pessoal em relação ao mundo! A poesia dispensa a objetividade, o utilitarismo e o imediatismo da visão materialista das coisas. O texto poético acena para a criação e como tal deve ser sentido e divulgado. Junto da poesia há sempre um ser humano criando e recriando a humanidade que se manifesta nos seres. Portanto, o eu poético do escritor deve estar em sintonia com o eu poético do leitor. A leitura só ocorre quando o leitor mergulha nas ondas imaginárias do criador e, pegando uma carona, refaz o percurso da criação. Todo grande leitor é recriador do texto e, para isso, necessita aflorar o seu potencial de criatividade. Para despertar este lado crítico-criador da criança leitora, o professor, antes de qualquer coisa, tem que ter paixão pela leitura e, depois, só deixar que a imaginação voe na “asa de papel” e leve junto todos os pequenos-grandes-leitores.

Portanto, é importante repensar nossas práticas com poesia na escola, não se limitar apenas aos fragmentos existentes nos livros didáticos, buscar possibilidades e estratégias de trabalho envolvendo a poesia, incentivando o aluno a apreciar a beleza estética da linguagem poética.

## **Resultados**

O projeto surgiu no primeiro semestre de 2012, a partir da necessidade de incentivar o prazer e hábito pela leitura de poesias de forma lúdica e envolvente. Nos propomos a elaborar um planejamento sistemático, dinâmico e diversificado com estratégias e recursos pedagógicos capazes de envolver os alunos nas diversas atividades propostas.

Inicialmente, nos organizamos para realizar uma conversa informal, dizendo aos alunos “que gostaríamos de fazer-lhes um convite”. Pedimos que imaginasse qual seria o convite. Ouvimos as idéias de cada um e, em seguida, apresentamos uma caixa surpresa contendo o título da poesia que pretendíamos trabalhar “Caixa Mágica de Surpresas” de Elias José. Sugerimos que imaginassem o que

havia dentro da caixa. Cada aluno expressou sua opinião. Ao retirar o título, lemos juntos, e expomos na lousa posteriormente, apresentamos o poema, fizemos uma leitura oral individual seguida de uma leitura coletiva, comparando as idéias dos alunos com a idéia do autor, refletimos sobre os elementos que constitui uma poesia (versos, estrofe, rimas). Explicamos que algumas poesias não possuem rimas, mas encantam pela musicalidade e magia das palavras que despertam o prazer da leitura, conforme Parreiras (2009, p.62) “na poesia, o mais importante que o conteúdo, é a forma. Mais importante que a forma é o sentimento que nos provoca, as imagens que nos evoca...”

Após a discussão, sugerimos que os alunos pesquisassem em revistas e livros velhos gravuras que representassem todos os elementos existentes na poesia para expor no mural. Foi uma atividade bastante significativa e envolvente que resultou numa bela produção artística. No momento da empolgação os alunos propuseram fazer outra produção artística por meio de desenho livre, dividimos a turma em dois grupos e mais uma vez eles reproduziram com eficácia e animação todos os elementos tratados na poesia o que novamente obtivemos uma excelente produção artística para o nosso mural.

Com vistas a fomentar o trabalho dos alunos, solicitamos que fossem à biblioteca fazer uma pesquisa bibliográfica sobre a biografia do autor “Elias José”. Comunicamos que no dia seguinte, todos deveriam socializar as informações pesquisadas aos colegas. Portanto, era necessário realizar uma leitura prévia em casa.

O empenho dos alunos foi satisfatório, de modo que alguns demonstraram interesse em conhecer outros poemas do autor, surgindo então a idéia de construirmos um “varal de poesias”, onde eles tinham a responsabilidade de ampliar o acervo, sempre que encontrassem novos textos.

Neste momento do Projeto, os alunos estavam bastante entusiasmados pelas poesias que se propuseram a trabalhar outras, então resolvemos explorar a poesia “A casa e seu dono”. Fizemos a leitura coletiva, discutimos as idéias do autor e distribuimos, aleatoriamente, tiras com os versos da poesia para que eles se organizassem em duplas e ordenassem os versos. Eles não apresentaram nenhuma dificuldade nessa atividade, pois recitaram diversas vezes entre os colegas que já dominavam o texto de cor.

A fim de ampliar as idéias, promovemos uma conversa informal para juntos criarmos algumas rimas, envolvendo os nomes deles, relacionando ao poema “A casa e seu dono”. Foi um momento exitoso, porque cada um queria rimar com os nomes

dos colegas. Posteriormente, construímos a dobradura da casa e eles foram escrever as rimas que haviam expressado oralmente, no término eles sugeriram intitular a poesia criada por eles de “A casa de gente”.

Na sequência, um dos alunos sugeriu que fizéssemos uma casa de papelão para abrigar todos os animais da poesia e a ideia foi aceita, resultando assim, numa bela produção. Imediatamente, eles logo se empenharam para adquirir diversos materiais para a construção da casa, o que resultou numa bela arte.

Para finalizar, motivamos os alunos a pesquisar poesias de outros autores para a confecção de um livro de poesias que deveria ser apresentado para todos da escola em momentos de rodas de leitura no pátio da escola.

### **Considerações Finais**

A leitura de poesias contribui para que os alunos percebam que ler é uma atividade prazerosa; que as palavras e o texto são úteis também para brincar. E, que por meio dessas brincadeiras, elas podem criar outras palavras, produzir outros textos e ampliar conhecimentos.

A realização desse trabalho corroborou a relevância do gênero poesia como instrumento facilitador da aprendizagem da leitura e da escrita no âmbito escolar. No decorrer das atividades, percebemos que os alunos têm um olhar diferente para a leitura de poesias, expressando sensibilidade, autoestima positiva e encantamento pela poesia. O incentivo a leitura e produção individual de poemas fomentou o interesse para a construção de outros poemas com temas livres.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **A criança de seis anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de nove anos**. Brasília, 2009.

CARVALHO, Carlos Roberto. **Por que precisamos da poesia**. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Múltiplas linguagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

FILIPOUSKI, Ana Maria Ribeiro. **A formação do leitor jovem: Temas e gêneros da literatura.** – Erechim, RS: Edelbra, 2009.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula.** Rio de Janeiro: Singular, 2009.

PARREIRAS, Nínia. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê.** – Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula.** João Pessoa: Ideia, 1995.

SARAIVA Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

# ANEXOS



Caixa mágica de surpresa

Um livro  
é uma beleza,  
é caixa mágica  
só de surpresas.

Um livro  
parece mudo,  
mas nele a gente  
descobre tudo.

Um livro  
tem asas  
longas e leves  
que, de repente,  
levam a gente  
longe, longe.

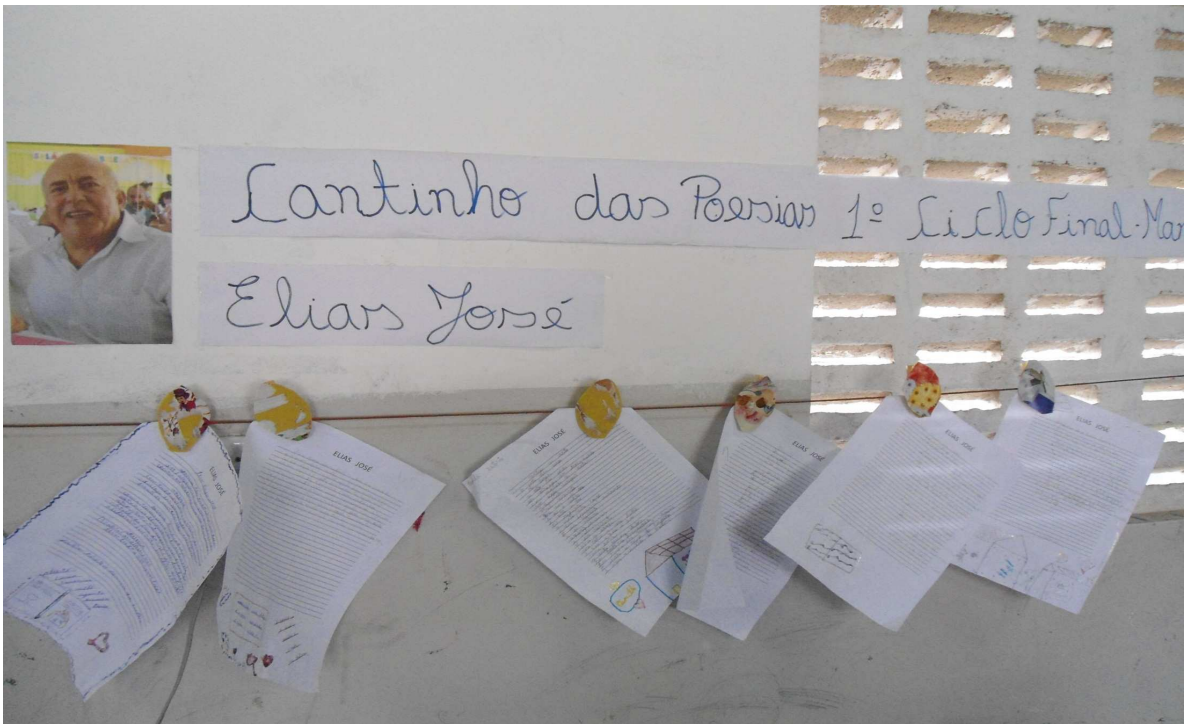
Um livro  
é parque de diversões  
cheio de sonhos coloridos,  
cheio de doces sortidos,  
cheio de luzes e balões.

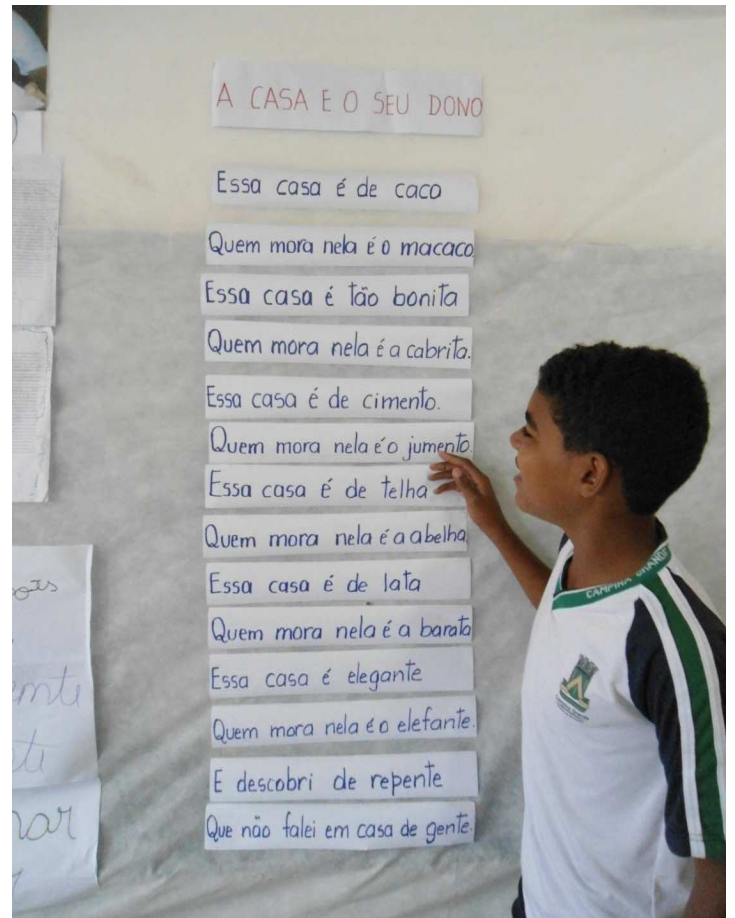
Um livro  
é uma floresta,











A CASA E O SEU DONO

Essa casa é de caco  
Quem mora nela é o macaca  
Essa casa é tão bonita  
Quem mora nela é a cabrita.  
Essa casa é de cimento.  
Quem mora nela é o jumento  
Essa casa é de telha  
Quem mora nela é a abelha  
Essa casa é de lata  
Quem mora nela é a barata  
Essa casa é elegante  
Quem mora nela é o elefante.  
E descobri de repente  
Que não falei em casa de gente

